



As disposições de classe social nas notícias da editoria de segurança do Jornal Agora

Anderson Dias Silveira¹
Guilherme Carvalho da Rosa (orientador)²

A presente investigação debruça-se sobre as relações entre as classes sociais e a violência reportada pelo Jornal Agora, periódico impresso da cidade do Rio Grande/RS. Nesse sentido, empreendeu-se uma pesquisa considerando a notícia como o elemento texto integrante do modelo de Circuitos de Cultura de Richard Johnson (1999). Foram analisados, em conjunto, textos que noticiaram homicídios ocorridos em 2015. Em vista de atingir os objetivos, foi utilizado o quadro teórico composto pelo conceito de classe social de Jessé Souza (2012). A partir das considerações oriundas do estudo, foi possível perceber diferenças na abordagem jornalística atravessadas pela estrutura social.

Palavras-chave: violência urbana, Jornal Agora, classe social, jornalismo.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O jornalismo conta histórias de pessoas que vivem sob as mais variadas condições em um universo complexo e diverso de representações. Nesse contexto, o gênero, a classe, a etnia, entre outras possibilidades e intersecções podem influenciar na construção da notícia. Acontecimentos semelhantes podem ter tratamentos jornalísticos distintos e leituras perpassadas pelos diferentes modos de perceber a vida e a sociedade. Por isso, o presente artigo busca mostrar através de “lentes” que se orientam pelas disposições de classe social um estudo sobre a violência urbana noticiada pelo Jornal Agora.

A violência urbana a partir da leitura da mídia em cruzamento com as classes sociais constitui o objeto amplo dessa pesquisa. Estudar esse fenômeno social é enten-

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas. Email: andersondiassilveira@yahoo.com.br

² Professor de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. Email: guilhermecarvalhodaro-sa@gmail.com

dido nessa investigação como algo de relevância para os estudos de comunicação relacionados ao jornalismo. O objeto específico do presente trabalho é o tratamento midiático da violência urbana dentro do contexto do jornalismo impresso e com recorte no Jornal Agora.

O Jornal Agora tem características particulares. Dentre elas, a falta de complexidade em seu projeto editorial, definido em seu website como “a integração da comunidade, com informação precisa, responsável e imparcial” (AGORA, online, 2015)³. No contexto desta pesquisa, é possível, à primeira vista, observar a ausência de disposições sobre o tema da violência neste âmbito editorial. A partir de um primeiro olhar, o periódico rio-grandino parece ter se construído em meio a transformações sem um plano norteador. Com 40 anos de história, o jornal tem aproximadamente 4.300 assinantes e tiragem diária de 4.900 exemplares e sua abrangência midiática é da própria cidade e de pequenas regiões vizinhas. O Jornal Agora conta com seis cadernos especiais, publicados um por dia de segunda a sábado. Ao total, são oito editorias, sendo elas: Segurança, Esporte, Geral, País, Mundo, Social, Opinião e São José do Norte.

No pensamento de Jessé Souza (2012) se encontra a ideia norteadora do presente estudo: o conceito de classe social no contexto brasileiro. Para compreender tal conceito, é preciso entender que não é apenas no campo material e econômico que se encontram as características de classe social, mas nas “disposições” de ordem imaterial e simbólica. A classe social é, nas perspectivas de Jessé Souza (2012) e Pierre Bourdieu (2011), toda uma complexa cadeia subliminar e subconsciente de capacidades e acessos distintos aos bens culturais e sociais que não são, exclusivamente, determinados pela renda. Souza vale-se da noção de *habitus*, de Bourdieu, para explicar a ideia de classe social por um viés simbólico. Nesta concepção, esta categoria se define por um conjunto de disposições avaliativas e valorativas do sujeito em relação a vários aspectos da vida e do cotidiano. São significações do mundo e sobre o mundo, pré-reflexivas, que existem sem que haja escolha por essas posições. Ou seja, são esquemas de julgamento que parecem ser naturais, mas são construídos socialmente desde tenra infância.

³ Disponível em http://jornalagora.com.br/site/content/o_jornal/index.php. Acesso em 21/08/2015.

Mesmo que a noção de *habitus* permita pensar a reprodução da estrutura de classes nos modos e visões de vida, existem algumas limitações destas noções quando postas em diálogo com sociedades distintas do modelo francês, como o caso dos países periféricos, como o Brasil. Neste sentido, o trabalho desenvolvido por Jessé Souza (2012), em *A construção social da subcidadania*, une as contribuições de Charles Taylor e Pierre Bourdieu para compreender a estrutura social dos países periféricos.

Apesar das distinções nos percursos de Charles Taylor e Pierre Bourdieu, de acordo com Souza, existe um ponto de intersecção em suas elaborações teóricas. “Para ambos, a sociedade moderna se singulariza precisamente pela produção de uma configuração, formada pelas ilusões de sentido imediato e cotidiano” (2012, p.165). Compreensão esta, denominada por Taylor como “naturalismo” e por Bourdieu como “doxa”, pois tal percepção implica numa espécie de desconhecimento dos sujeitos a respeito das suas próprias condições de vida relacionadas com a estrutura social. Porém, o que destoa nas perspectivas dos dois autores é que o primeiro estuda os imperativos morais de legitimação das desigualdades e o segundo investiga como se articula essas diferenças nas relações de poder. Souza uniu as duas perspectivas, ou seja, juntou-as “de modo a torná-las operacionais no sentido de permitir perceber como moralidade e poder se vinculam de modo peculiar no mundo moderno, especialmente no contexto periférico” (2012, p.166).

O desafio empreendido pelo sociólogo brasileiro ocorre no sentido de desenvolver noções aplicáveis para as “condições concretas da modernidade central e periférica” (2012, p.165). Na elaboração da noção de *habitus*, Pierre Bourdieu tratou de identificar as diferenças entre as classes sociais da França da segunda metade do século XX. A sociedade analisada pelo sociólogo tinha alcançado um patamar básico de cidadania e dignidade entendido aqui como uma configuração prática de um estado promotor do “bem-estar social”. A crítica de Souza ao modelo Bourdieano é exatamente em não perceber o acúmulo de lutas políticas e aprendizados sociais e morais para a conquista des-

sa “tábula rasa” da dignidade que, na prática, compreende uma sociedade onde todos tenham direito às condições básicas de vida⁴.

A partir da exigência de uma readequação da noção de *habitus* para a modernidade periférica, Jessé Souza propôs uma subdivisão interna para torná-la acessível ao contexto brasileiro. Desse modo, o sociólogo brasileiro percebe uma pluralidade de *habitus* e, em sua proposição de subdivisão interna, surgem as categorias de *habitus primário*, *habitus precário* e *habitus secundário*.

O *habitus primário* é o equivalente ao *habitus* da proposição original de Bourdieu e se define sob condições básicas de cidadania e igualdade que são partilhadas entre as classes sociais. As diferenças entre as classes se dá pelos conjuntos de disposições específicas de cada grupo social, mas a partir de determinadas circunstâncias comuns de consenso valorativo “transclassista”. De forma prática, esta configuração do *habitus* só se torna possível dentro do modelo estudado por Bourdieu onde um modo de distinção simbólica entre as classes opera em uma consciência de que todos devem ser incluídos na sociedade e, logo, devem ter condições mínimas e iguais entre si. A distinção ocorre dentro de um quadro onde todos são incluídos, de certa forma, no sistema social e dispõem de acesso à bens simbólicos.

O *habitus precário*, assim como o *habitus secundário*, ambos propostos por Souza, é uma derivação para aplicação da teoria em sociedades periféricas e tem seu limite no *habitus primário*, para baixo. Refere-se aos sujeitos que não acessam as condições mínimas de subsistência e partilham de disposições precárias. Tais sujeitos pertencem a uma categoria de “subcidadãos”, onde seu direito à vida é negado ou limitado.

As pessoas pertencentes a um *habitus precário* são excluídas e não possuem disposições que permitam que possam ser consideradas como parte da sociedade e, assim, tornam-se invisíveis ou desconsideradas em diversas esferas, especialmente a jurídica e a midiática. Também, esta ausência de disposições posta estruturalmente, mantém os indivíduos apartados do mercado de trabalho ou de atividades produtivas e faz com

⁴ Por conta de questões políticas e culturais contemporâneas, como por exemplo, a relação com a migração, é possível que, na atual conjuntura socioeconômica da França, o modelo de Pierre Bourdieu não dê conta de perceber as disposições de classe do mesmo modo que nos anos 1970.

que não sejam objeto do apreço das demais classes. Segundo Souza, no caso brasileiro, cerca de um terço da população está inserida neste grupo precário.

O *habitus secundário*, também, tem seu limite no *habitus primário*, só que para cima. Tal categoria parte dos fundamentos operantes na determinação do *habitus primário* e as diferenças entre as classes surgem das características do gosto.

Dentro do contexto brasileiro, o *habitus secundário* marca a divisão entre os que podem ser incluídos na sociedade, especialmente considerando a esfera do consumo, e os que estão apartados dela, no *habitus precário*. Essa divisão, “desnecessária” no contexto francês de Bourdieu, foi colocada por Souza como objetivo de dissociação da condição primária definida originalmente e para desenhar, em termos sociológicos, uma sociedade que considera e naturaliza um contingente de cidadãos excluídos.

No Brasil, por conta do “abismo” socioeconômico e da desigualdade entre as classes sociais, o campo de disputa é o lugar no mundo do consumo dos setores médios. Jessé Souza, em seu livro *Os Batalhadores Brasileiros* (2008), desmistifica a ideia de que a entrada de aproximadamente 30 milhões de brasileiros de forma mais ativa no universo do consumo, na história recente, representa a entrada para a classe média. Por conta de suas rotinas de trabalho, consideravelmente maior que a dos setores médios, e pelas suas histórias de vida e da presente e constante possibilidade de “rebaixamento”, Souza chama esses brasileiros de “batalhadores”, como um novo estrato da classe trabalhadora.

Para analisar esse objeto, destacamos também a referência de autores identificados com os estudos culturais. A possibilidade aberta por Richard Johnson (1999) permite uma abordagem mais ampla dos processos de comunicação uma vez que considera uma estrutura mais geral de articulação. Os momentos distintos – produção, circulação, consumo – e os elementos – produtores, textos, receptores – são considerados nessa perspectiva dentro do que ele chama de “circuito de cultura”. Para Ana Carolina Escosteguy (2007), os momentos e elementos do circuito “estão articulados entre si, devem ser registrados e analisados um em relação ao outro, sendo que cada momento é necessário para o todo, mas nenhum antecede o próximo” (p. 119). Nesse sentido, será enten-

dido que o processo comunicativo se faz das condições de produção, das formas dos textos, das condições de leituras e das culturas vividas.

Na presente investigação é considerado o texto jornalístico pela possibilidade de observação das disposições de classe social nas notícias da editoria de segurança. Ana Carolina Escotesguy explica que “situado no texto observa-se um tratamento das formas simbólicas de modo abstrato, pois a atenção reside nos mecanismos pelos quais os significados são produzidos” (2007, p. 121). Assim, o texto ou o produto midiático é o resultado de uma formalização de aspectos simbólicos e discursos, ou seja, todo o processo, seja na produção ou na leitura, é pautado pela existência das culturas vividas ou o meio social.

Dentre as opções metodológicas, a pesquisa trabalha com a escolha de notícias que envolvam crimes de homicídio. Segundo o artigo 121 do Código Penal Brasileiro, a definição de homicídio é “matar alguém”⁵. As tipificações variam sobre a forma culposa ou dolosa, ou seja, se o crime foi acidental ou intencional, respectivamente. Também, há variações a respeito da qualificação e, recentemente, foi incluído no Código Penal o Femicídio⁶. No presente estudo não optamos por nenhuma tipificação ou forma exclusiva, mas pela indicação afirmativa da notícia sobre homicídio doloso e suas regularidades na série de textos.

Para a análise dos textos, dentro destas características, foram selecionadas 16 notícias da editoria de Segurança do Jornal Agora publicadas entre os meses de março a outubro de 2015. Além destas, entrou no *corpus* da pesquisa uma sequência de reportagens sobre o desaparecimento de dois empresários da cidade e a posterior descoberta de um latrocínio⁷, publicados no jornal em amplo espaço. Estas reportagens tiveram maior fôlego de investigação jornalística e, em mais de um dia, foram tema da capa do periódico. Tais características divergem do dispositivo de cotidianidade adotado no trabalho, com a informação quase totalmente restrita aos boletins de ocorrência policiais, mas

⁵ Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/Del2848.htm. Acesso em 13/09/15.

⁶ O Femicídio também está presente no capítulo dos crimes contra a vida do código penal e se configura como o homicídio contra a mulher por razões da condição de sexo feminino.

⁷ É a tipificação definida quando o crime de roubo resulta em homicídio.

estão compreendidas nos objetivos da pesquisa, uma vez que permitem a observação das disposições de classe social.

Não houve determinação, em um primeiro momento, em relação ao número de textos a serem analisados. Os textos foram selecionados até que se atingisse um “ponto de saturação” das características das notícias em relação aos objetivos da pesquisa. Antes da eleição dos textos que compõem o *corpus*, o pesquisador realizou um trabalho de pesquisa diário em todas as edições do período definido. Os textos que compõem o corpo de análise, que foram observados em conjunto, noticiaram 16 dos 34 homicídios ocorridos na cidade de Rio Grande até o momento de escrita do presente estudo. Para se chegar ao número de 16 notícias integrantes do *corpus*, foram observadas aproximadamente 60 outras notícias. Estas, embora cotidianas e da editoria de Segurança, não estavam relacionadas com homicídios, mas configurava um formato semelhante: informação curta e quase exclusividade do boletim de ocorrência policial como única fonte.

Como a maior parte das notícias selecionadas tem características regulares entre elas a partir de um cotidiano da editoria também foi incluída uma comparação dos textos jornalísticos com os boletins de ocorrência policiais aos quais os textos se referem. Através da Lei de Acesso à Informação⁸, o pesquisador solicitou cópias dos boletins em três delegacias de Polícia Civil da cidade responsáveis pelas investigações dos homicídios. Das solicitações feitas, apenas uma retornou com os documentos. No entanto, obtivemos outros tipos de retorno das outras delegacias. Uma delas indeferiu o pedido, conforme dispõe o artigo 23 da referida lei, para manter o sigilo e não oferecer risco ou comprometer atividades de investigação em andamento. A outra delegacia informou por e-mail, antes do fim do prazo, que pela complexidade do pedido a solicitação foi repassada para o comando da Delegacia Regional de Polícia. Até o momento de escrita do presente trabalho o pesquisador não recebeu retorno da delegacia regional.

A seguir apresentaremos as análises de parte da presente monografia, aqui em forma de artigo e, também, interpretações e conclusões surgidas dos desdobramentos dessa investigação.

⁸ Lei Federal nº 12.527/2011 que regulamenta o direito constitucional de acesso a informações públicas de interesse particular ou coletivo. A norma entrou em vigor em 2012 e vale para todos os poderes da União.

2. OS TEXTOS JORNALÍSTICOS DA EDITORIA DE SEGURANÇA

A partir de uma divisão por características textuais, relacionadas às disposições de classe social, apresentamos a seguir grupos de notícias por semelhanças de composição. Em outras palavras, como designa Richard Johnson (1999), faremos uma exposição através das “formas dos textos”. Cabe destacar que parte dos homicídios ocorridos na cidade não foi noticiado⁹ e, apesar da pesquisa diária no jornal, alguns textos podem não ter sido inseridos pelo exame na coleta do *corpus* da pesquisa. Também é importante salientar a possibilidade de boa parte desses crimes não serem publicados pelo envolvimento de sujeitos da ralé estrutural, a partir do que Souza (2012) permite observar. Ou seja, pessoas portadoras de um *habitus precário* e percebidas, pelo conjunto da sociedade, como subcidadãos e não “dignas” de objeto jornalístico.

Em um primeiro olhar é possível afirmar que 15 dos 16 textos possuem entre suas características regulares a ausência da história do crime ou apenas uma breve contextualização. O caráter sucinto de explicação é formado pela informação do local e horário do crime ou de onde foi encontrado o corpo da vítima e, também, é mencionado se o sujeito tinha antecedentes criminais. Em alguns casos, faz parte desse conjunto resumido de informações a especificação do ferimento - ou seja, a parte do corpo onde a vítima foi atingida por arma de fogo¹⁰.

Além disso, percebe-se como parte integrante dessa regularidade a subordinação da fonte policial como principal meio para a produção da notícia, pois em apenas cinco notícias há presença de informação complementar. Apesar de existir outra fonte que não a policial, em nenhum dos casos foi observado oposição ou contraponto a versão oficial. Como exemplo, percebe-se nas notícias uma semelhança na descrição dos homicídios com o relato do boletim. Com base na comparação realizada pelo pesquisador é possível observar a relação direta com a estrutura do boletim de ocorrência.

⁹ O pesquisador teve acesso a boletins de ocorrência de homicídios que não foram noticiados pelo Jornal.

¹⁰ Exatamente 15 dos 16 homicídios das notícias protocolares em análise foram causados por arma de fogo. Apenas uma notícia descreve morte por esfaqueamento.

Um grupo de notícias, formado por seis textos, tem em comum a descrição extremamente breve sobre os homicídios. Percebe-se, nesse conjunto, a inexistência de narrativa que contextualize o acontecimento. Ademais, nota-se que não há referência à ocupação ou algo que permita conhecer a pessoa que sofreu o homicídio. A partir da observação das seis notícias desse primeiro grupo, foi possível perceber que os textos ocupam pouco espaço na página do jornal, não possuem fotografia e não foi identificado nenhum processo de interpretação do fato pelo repórter. Esta interpretação é regular em boa parte dos textos jornalísticos de outras editorias e ausente em quase todas as notícias do *corpus* de análise. A imagem abaixo exemplifica o conjunto de características do primeiro grupo de textos jornalísticos:



Figura 1 - Notícia do dia 18 de Abril no Jornal Agora
Fonte: Reprodução feita pelo autor da página do Jornal

As características frequentes das notícias podem ser observadas a partir dos títulos, nota-se nos exemplos: *Homem é morto a tiros na Querência* e *Homem é morto em casa com quatro tiros*, publicadas nos dias 22 e 10 de outubro, respectivamente. O formato recorrente da constituição do título contempla não apenas a ação expressa pelo verbo que permite identificar o homicídio, como também é possível observar mais duas questões. A primeira delas está relacionada com o julgamento identificado pelo gênero “homem”, na maioria dos casos, mas sem especificar de outra forma o papel da vítima na sociedade. Ao escolher o gênero ao invés da especificação da “profissão” ou ocupação, o texto deflagra o sujeito a partir de sua posição dentro da estrutura social: a vítima precisa ser identificada pelo gênero, de forma elementar, em detrimento de sua ocupação social ou de outras características que poderiam identificá-la. A segunda trata espe-

cificamente do espaço urbano. É relevante para a informação exatamente o bairro onde o crime ocorreu. Esta identificação faz com que, mesmo em uma leitura rápida da página, possa identificar-se a relação da violência com determinados lugares da cidade.

Na presente análise, em apenas dois textos desse formato “protocolar” de tratamento jornalístico é mencionada a ocupação da vítima. Nas notícias *Caminhoneiro é executado a tiros* e *Mototaxista é morto a tiros no Castelo Branco II*¹¹ foram verificadas essas referências à ocupação, porém é observado que tal citação se dá pela necessidade da breve descrição do homicídio. Na primeira notícia, por exemplo, há um trecho que descreve que um caminhoneiro “estacionou o veículo no pátio externo e foi falar com outro caminhoneiro, dois homens saíram do Fiesta e dispararam várias vezes”. A segunda matéria relata que o “crime aconteceu no ponto onde Taylor trabalhava como mototaxista”. A explicação de como o caminhoneiro foi abordado e onde o mototaxista estava quando foi atingido pelos tiros não foge do caráter recorrente dos textos em análise, pois era preciso considerar as ocupações para descrever reduzidamente o acontecimento.

Em nove notícias foi constatada a referência aos antecedentes criminais da vítima. Tal menção sugere uma explicação que atenua ou que naturaliza a causa do homicídio. Nesse sentido, a apresentação de trechos como: “Sal Tinha antecedentes criminais por tráfico de drogas” e “a vítima tinha antecedentes criminais por porte de arma, roubo e posse de entorpecentes”, ambas no final dos textos, podem dar indícios de um possível “desfecho” para a informação, pois parte-se da premissa que o envolvimento em prática criminosa em determinado momento da vida do sujeito suponha sua culpa.

Apenas cinco notícias das 16 do *corpus* de análise com características regulares têm fotografias, três delas compostas por duas fotos cada. Essas três notícias trazem elementos que, mesmo próximos do conjunto de regularidades, merecem exposição. A primeira delas, *Morre jovem vítima de tentativa de assalto*¹², possui duas fotos: uma do perfil do jovem em uma rede social, como reprodução do Facebook, e a outra da moto-

¹¹ As notícias *Caminhoneiro é executado a tiros* e *Mototaxista é morto a tiros no Castelo Branco II* foram publicadas nos dias 24/06/2015 e 24/04/2015, respectivamente.

¹² Notícia publicada no dia 7 de setembro de 2015.

cicleta usada no crime. O elemento que destoa das características comuns a outros textos é a referência à ocupação de seu pai e, apesar de breve, a contextualização narrativa de onde o jovem saía e para onde ia.

Felipe, filho de policial militar da reserva, acabou sendo atingido por um tiro no ouvido esquerdo, depois de ser abordado por dois homens em uma moto, na avenida Osvaldo Martensen, no Parque São Pedro, por volta das 22h30min, momento em que se dirigia para sua casa, vindo da residência da namorada. (Jornal Agora, dia 7 de setembro de 2015).

Além das informações mencionadas, consta na notícia que policiais do Pelotão de Operações Especiais haviam prendido suspeitos em um bairro de classe popular e que o Ministério Público decidiu pela liberação deles por falta de provas. A partir da análise é possível pensar que disposições da estrutura social, pelo fato do pai do jovem ser policial militar da reserva, tenham influenciado na presença desses dados adicionais na notícia. A presença de fotografias oriundas das redes sociais com vítimas incluídas no *habitus secundário*, apresenta-se como significativa no momento em que se constitui como uma representação dos sujeitos. Essa configuração, assim, é digna de “solidariedades” bem definidas que não são compartilhadas com os sujeitos da ralé estrutural.

A segunda notícia com duas fotos, *Adolescente morre, na Barra, vítima de tiros*¹³, é uma das poucas com outra fonte além da policial. Além das fotos, uma três por quatro ampliada da vítima e outra da casa onde aconteceu o crime, entram no texto a fala de uma pessoa da vizinhança e, também, informações de outros dois homicídios anteriores. A fala da fonte complementar faz um alerta sobre futuros crimes no local: “uma mulher disse que muitos homicídios vão acontecer na área, já que há vários pequenos barracos vazios e que são usados para tráfico”.

¹³ Notícia publicada no dia 26 de agosto de 2015.



Figura 3 - Notícia do dia 1º de julho no Jornal Agora
Fonte: Reprodução feita pelo autor da pesquisa da página do Jornal

Conforme a Figura 3, no dia 1º de julho de 2015, quarta-feira, a notícia *Jovem de 14 anos morre vítima de tiro* foi publicada no Jornal Agora. Em um primeiro momento percebe-se apenas um elemento diferente na estrutura da notícia, a presença de uma fonte institucional além da policial. A informação complementar é sobre a divulgação de uma nota da direção da FEARG/FECIS¹⁴ esclarecendo que não foi dentro de suas dependências que ocorreu o homicídio, embora próximo. As outras características regulares das notícias em análise como a breve história, a menção dos antecedentes criminais da vítima e a fonte policial como principal permanecem, além da informação da nota que ocupou um pouco mais de um terço do texto.

Porém, no dia seguinte, foi publicada outra notícia sobre o mesmo crime, desta vez com um texto maior e com a presença de uma narrativa que permite entender melhor o homicídio. A notícia, *Morte de adolescente é resultado de rivalidade entre gangues*¹⁵, é o único dos 16 textos regulares contemplado com uma história que aponta a motivação do crime e contextualiza os acontecimentos. Cabe salientar que, entre os textos do *corpus* de análise, apenas esse crime ocorreu em uma região central da cidade e próximo de um evento frequentado por muitas pessoas de classes sociais distintas. Al-

¹⁴ A Feira de Artesanato do Rio Grande (FEARG) e a Feira de Comércio, Indústria e Serviços (FECIS) são eventos anuais com exposições, shows e gastronomia realizados pela Associação das Micro, Pequenas e Médias Empresas do Rio Grande (AMPERG).

¹⁵ Notícia publicada no dia 02 de julho de 2015.

guns elementos da composição textual dão indícios de interpretação do fato pelo repórter, incomum na série em investigação. A descrição nesse episódio não foi breve e dá conta de inserir informações dos próprios envolvidos no conflito, inclusive a versão do atirador, contada pela polícia. Novamente a outra fonte oficial, direção da FEARG/FECIS, entra na notícia relatando que tomou providências para evitar futuros crimes. Também consta na reportagem que a patrulha Montada da Brigada Militar está fazendo abordagens pelas ruas da região “com o objetivo de coibir crimes de roubos e dar segurança aos visitantes”.

PÁGINA 10 ■ Rio Grande, 2 de julho de 2015 - QUINTA ■

AGORA

SEGURANÇA | www.jornalagora.com.br

Morte de adolescente é resultado de rivalidade entre gangues

ANETE POLL

A morte de Irineu Xavier Fernandes, um menino de 14 anos, com antecedente por envolvimento com tráfico de drogas, que foi vítima de um tiro na região do abdômen, chocou a comunidade. O crime aconteceu no domingo (28) à noite, e ele morreu na madrugada de terça-feira (30). Mas o que deixou todos estarelecidos foi o fato de o autor do disparo, consequentemente do homicídio, ser um menor de 12 anos.

Um menino que, segundo informações policiais, não tinha antecedentes, mas que, em seu perfil em rede social, mudou seu nome, assumindo o de VPR, conhecido no mundo do tráfico como Zezinho - que hoje está preso na Perg por tráfico e por homicídio.

Em meio a tudo isso, existe duas gangues. Uma é conhecida como HP que tem como seu reduto a Henrique Pancada, e a outra como P2, ou Profilurb II. As gangues são rivais e se enfrentam há algum tempo. O menor de 12 anos, segundo diz a polícia, pertence a P2. Irineu, a princípio, não pertencia a nenhuma delas. O autor do disparo contou que tudo começou há alguns dias, quando um dos integrantes da HP bateu em uma menina amiga dos integrantes da P2. No domingo (28), as duas gangues ficaram frente a frente no Centro Municipal de Eventos, onde acontece a Fearg.

No enfrentamento, um dos integrantes da HP outro menor de 14 anos, esfaqueou outros dois, também com 14 anos e pertencentes da P2 - um no abdômen e outro no braço. Um dos feridos é amigo do autor do homicídio, que resolveu tomar para si as dores do amigo. Na versão que contou aos policiais da 1ª DP o menor de 12 anos diz que foi ameaçado e fugiu para a rua. “Ele disse que foi aí que encontrou um grupo da P2, dizendo ainda que não pertencia a gangue, mas que pegou emprestado, com um dos integrantes, o revólver e atirou. Não acreditamos nele.

É mais provável que já estivesse armado”, revelou o inspetor Geovane Pedra.

Com a vítima, estavam mais cinco amigos. A princípio, nenhum deles pertencia a nenhuma das gangues, embora o autor do homicídio tenha dito que todos estavam com a HP no interior da festa. Os cinco, que reconheceram o menino de 12 anos como o autor do crime, disseram que ficaram entre as duas gangues ao sair da festa.

Ao ouvir o tiro, saíram correndo, inclusive Irineu, que caiu pouco mais adiante de onde foi alvejado. Foi quando viram que ele havia sido atingido pelo projétil. Se realmente for comprovado que não pertencia a nenhum dos grupos, Irineu morreu por estar no local errado e na hora errada. Após a identificação, o pai foi intimado a comparecer na 1ª DP levando o filho. O inquérito policial, assim que estiver concluído, será remetido ao Poder Judiciário.

Bonés e capuzes proibidos
Em decorrência desses fatos, a direção da Fearg/Fecis decidiu colocar em operação a proibição da entrada de pessoas com bonés e, também,

a utilização de capuzes nos pavilhões das feiras. A regra serve para facilitar a identificação de pessoas no sistema de monitoramento do evento. A proibição já está valendo desde quarta-feira (1º), com vigor também durante os shows nacionais.

“Tivemos uma reunião de alinhamento de nossas diretrizes de segurança e optamos pela proibição do uso de bonés e capuzes, para que os monitoramentos através de vídeo possam ter mais facilidade no reconhecimento das pessoas. Além disso, é mais uma medida para garantir a comodidade e segurança para as famílias”, afirmou a diretora geral da Fearg/Fecis, Ivone da Rosa.

O uso de bonés e capuzes fica suspenso dentro dos pavilhões até o final do evento. “Foi uma sugestão que partiu do comando operacional da segurança da feira e que a direção concluiu que é o melhor para a comunidade”, afirmou Ivone da Rosa. As feiras possuem expositores com o produto, mas os comerciantes já foram informados de que a venda só é permitida em embalagens, para coibir o uso imediatamente após a compra.

Enquanto isso, a Brigada Militar, através da Patrulha Montada, faz o seu papel, efetuando abordagens e identificação de pessoas, na parte externa da Fearg, com o objetivo de coibir crimes de roubos e dar segurança aos visitantes.



Brigada Militar realiza batidas buscando dar maior segurança no entorno das feiras

Figura 4 - Notícia do dia 02 de julho no Jornal Agora
Fonte: Reprodução feita pelo autor da pesquisa da página do Jornal

Como se pode observar na Figura 4, a partir da observação do conjunto de elementos informacionais de composição da notícia em comparação com as outras com

características regulares do *corpus*, pode-se perceber que por conta do homicídio ser em uma região central ele recebeu mais atenção jornalística. Notam-se, também, disposições relacionadas com a estrutura social, uma vez que a proximidade do crime aos setores médios e não só aos populares, como identificadas no grupo de textos, influenciou na investigação e na construção da notícia.

Completa a etapa de análise dos textos jornalísticos o estudo sobre três reportagens que se distanciam do tratamento recorrente dado ao tema da violência urbana pelo Jornal Agora. Os textos destas matérias são maiores do que a média do *corpus* e exibem uma série de elementos diferentes da abordagem cotidiana. No conjunto de textos apenas a redação a respeito do homicídio ocorrido próximo a FERAG/FECIS pode comparar-se em tamanho. As três notícias possuem juntas 16 fotografias enquanto, no conjunto, as outras matérias possuem nove imagens. Duas das três notícias foram capa do periódico, o que não acontece com regularidade quando se trata da editoria de Segurança. As observações sobre as três notícias são apresentadas em ordem cronológica. A história é sobre o desaparecimento de dois empresários, sendo que um deles foi encontrado¹⁶. As duas seguintes retratam um latrocínio, após a localização do corpo da vítima.

No dia 21 de Agosto a notícia, *Empresários desaparecem na mesma noite. Um é encontrado*¹⁷, foi publicada no jornal com uma característica inédita entre os textos analisados: o deslocamento da editoria de Segurança da página dez para as páginas quatro e cinco. Além disso, destaca-se o espaço ocupado de uma página e meia pela notícia, algo que não foi identificado até esse momento da pesquisa. Apresenta-se no texto um grande número de fontes que, pela primeira vez na análise, colocam a autoridade policial como secundária. Entre as fontes que constituem a reportagem estão os familiares de um dos empresários, informações de postagens de redes sociais dos familiares das duas vítimas e uma fonte não oficial, além da policial.

Algumas informações, não oficiais, apontam que há imagens, no pedágio de Capão Seco, do carro do empresário, onde aparecem dois homens desconhecidos nos bancos da frente. Essas imagens mostram também que o carro pas-

¹⁶ Na primeira notícia a história centra-se no empresário que ainda não tinha sido encontrado.

¹⁷ Notícia publicada no dia 21 de agosto de 2015.

sou três vezes pelo pedágio, às 22h, às 22h40min e, a última, às 22h57min (Jornal Agora, 21 de agosto de 2015).

Nota-se uma espécie de narrativa distinta da regularidade observada no conjunto de notícias, pois elementos como uma história que permite conhecer as vítimas e seus últimos passos até desaparecerem são exibidos. A narrativa contextualiza o acontecimento e explica a rotina de um dos empresários e há, também, a presença de hipóteses de desfecho por parte dos parentes da vítima que difere significativamente do tratamento protocolar. Observa-se que em nenhuma das notícias protocolares as expectativas de familiares foram consideradas.



Figura 5 – Reprodução reduzida da página da notícia em cores
Fonte: reprodução feita pelo autor

Como é possível observar na Figura 5, seis fotografias contemplam a notícia, além da foto de capa do jornal. Tais ilustrações são coloridas, elemento ausente em todas as outras do *corpus* de análise, pois o uso habitual é de fotografias monocromáticas.

Destacam-se quatro imagens. Em uma há um detalhe das marcas de sangue do veículo encontrado pela polícia. Já outra, aparece o filho do empresário enquanto dava entrevista. A reportagem apresenta também duas fotos das vítimas com caráter privado, de registro doméstico: uma sem legenda e outra indicando arquivo pessoal.

O conjunto de elementos de composição da notícia demonstram uma valoração maior do desaparecimento dos dois empresários em comparação com acontecimentos noticiados anteriormente pelo jornal. Por exemplo, a notícia, *Dois homicídios são registrados em menos de 12 horas*, publicada no dia anterior e que faz referência a duas mortes e duas tentativas de homicídio recebeu uma atenção consideravelmente menor. Esses indícios apontam para um atravessamento da estrutura social em relação à atividade jornalística. Visto que uma determinada posição social, supostamente, privilegia o interesse em produzir um conteúdo mais completo quando esses sujeitos sofrem com a violência urbana.

A segunda notícia da série, *Brutalmente ferido, corpo de empresário é encontrado*¹⁸, novamente é deslocada para as páginas quatro e cinco, dessa vez ocupando o espaço inteiro. O acontecimento se repete como capa do jornal com o título *Desfecho cruel*. Percebe-se o uso de muitos adjetivos na composição do texto como, por exemplo, no subtítulo “Polícia Civil desvendou a história recheada de requintes de crueldade”, na cartola¹⁹ “frieza e crueldade” e na frase da matéria “as etapas cruéis do assassinato”. Tais adjetivos e os elementos subtítulo e cartola não foram usados em nenhuma outra notícia do *corpus*. Entre as informações identificadas na apresentação do texto está o folego narrativo que dá conta de contextualizar os acontecimentos. A forma do texto permite ao leitor conhecer a história do crime de maneira incomum na comparação com os outros homicídios noticiados. A presença desses elementos pode ser explicada pelo acompanhamento próximo do jornal ao processo de investigação policial.

¹⁸ Notícia publicada no dia 22 de agosto de 2015.

¹⁹ A cartola é um recurso gráfico e editorial empregado no jornal impresso para resumir em uma ou duas palavras o campo ao qual a notícia se insere.

As marcas de sangue que estavam em todo o local, o facão e o pedaço de madeira utilizados fizeram com que o crime fosse facilmente reconstituído na mente dos agentes da Civil, da perícia e também da equipe do Jornal Agora, que acompanhou o desenrolar da ação, até à 1h deste sábado (22) (Jornal Agora, 22 de agosto de 2015).

Pode-se observar que a fonte policial é a principal na construção da notícia. Na análise, foi possível identificar a ocupação de um dos praticantes do crime: uma garota de programa. Esta informação não consta em nenhum outro homicídio presente na pesquisa. Também foi identificada a motivação: “segundo a investigação, o crime foi um latrocínio, pois os acusados mataram Jonas na intenção de roubar a camionete e seus pertences”. Além disso, completa a composição da notícia sete fotografias feitas durante o acompanhamento da operação policial. As fotos são do local onde foi encontrado o corpo, do local onde aconteceu o crime e de policiais e peritos.

Assim como no primeiro texto desta série, notam-se atravessamentos da estrutura social na composição da notícia, percebidos por conta do fôlego desproporcional em sua constituição. Por se tratar de um crime violento, de certa forma compreende-se que a cobertura do acontecimento conte com um valor de notícia “extraordinário”. Porém, antes da descoberta do corpo e, portanto, da gravidade do crime, já era considerável a fuga do tratamento regular adotado pela editoria de segurança do jornal.

No dia 25 de agosto foi publicada a notícia, *Polícia prende dois e apreende outros dois menores pelo latrocínio de Jonas das Neves*. O título que, de forma regular, seria composto apenas pela indicação do gênero homem, neste exemplo é constituído pelo nome da vítima, o que pode representar uma ideia de aproximação - pois a identificação homem, no conjunto de textos jornalísticos em análise, substitui outra forma que possa identificar a pessoa na sociedade. A partir dessa primeira constatação pode-se pensar que, em vista dos títulos, os homicídios noticiados de forma regular não contam com a mesma proximidade. Ainda, o texto é semelhante aos outros da série: maior que os protocolares e traz trechos da notícia anterior que contextualizam os acontecimentos. As novas informações dizem respeito a prisão dos quatro envolvidos no crime e, como no caso do homicídio próximo da FEARG/FECIS, constam apelidos dos

autores do latrocínio. A notícia retorna para a página dez e tem três fotos, parecidas com as da notícia anterior e, possivelmente, produzidas na mesma ocasião.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não houve, nesse trabalho, a pretensão de afirmar que os conflitos e contradições do jornalismo possam ser respondidos por um viés estruturalista, porém foi possível perceber que existe um trato perpassado pela estrutura social. Na análise dos textos do Jornal Agora foi possível perceber diferenças de abordagens, pois a maior parte das notícias não possuía narrativa que contextualizasse o acontecimento. Dessa forma, os textos informavam crimes com sujeitos genéricos despossuídos de história. Em outras palavras, os textos retratavam homicídios “sem pessoas”. Em oposição ao tratamento regular, as notícias sobre o sequestro de dois empresários e os motivos para a morte de um adolescente próximo a FEARG deflagram o tratamento distinto para os setores médios. No caso dos empresários, elementos como: a grande cobertura, o deslocamento da editoria para páginas mais “privilegiadas” do Jornal e as fotos em cores indicam a maior atenção do veículo para o acontecimento. Já no caso do jovem morto no centro da cidade, o fôlego narrativo e a contextualização dos motivos que contam o homicídio nesta área apontam que o local tenha promovido tal distinção.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção**. Comunicação, mídia e consumo vol. 4. São Paulo, 2007.

JOHNSON, Richard. “**What is cultural studies anyway?**”, in STORE, John (org.). *What is Cultural Studies? A Reader*. Londres: Arnold, 1996, p. 75-114. (Edição brasileira: Silva Tomas Tadeu da (org.) *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999).

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.